

# ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 28\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

FERREIRA DE ARAUJO . . .	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	A.
POEMA DA CARNE. . .	Cunha Mendes.
CARTAS. . .	Placido Junior.
NUM ALBUM. . . . .	A. Peres Jnnior.
O AVÓ . . .	J. de Moraes Silva.
GOOD NIGHT. . . . .	Magalhães de Azeredo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS. . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do doutor

**FRANCISCO PORTELLA**

## FERREIRA DE ARAUJO

O *Album* prometteu publicar o esboço biographico de Ferreira de Araujo. Para que? Ha por ventura quem o não conheça?

Ha ahi quem ignore que elle nasceu no anno revolucionario de 1848, nesta boa cidade, num sobrado da rua do Cano, hoje Sete de Setembro, o mesmo em que actualmente se acham as officinas da *Gazeta de Noticias*?

Ha ahi quem ignore que, tendo se formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, abandonou a profissão de medico depois de exercel-a com brilhantismo durante alguns annos?

Ha ahi quem ignore que foi elle um dos fundadores e é o redactor-chefe da referida *Gazeta de Noticias*, o jornal que mais influencia tem tido no desenvolvimento da nossa civilisação intellectual?

Ha ahi quem ignore que Ferreira de Araujo é o *Lulu Senior* do *Mosquito* e das *Balas de estalo*, o *José Telha* dos *Macaquinhos no sotam*, o *A. do Jornal do ausente*, o espirituoso escriptor de tantas chronicas elegantes, de tantas novellas engraçadas e conceituosas, e o autor d'aquelle a-proposito comico, o *Primo Basilio*, que fez as delicias

das nossas plateias e scandalisou as de Campos dos Goytacazes?

Ha ahi quem ignore que, a par d'esses ligeiros e graciosos desabafos do espirito, elle não só tem produzido artigos politicos e financeiros de primeira ordem, como tambem discutido, com singular criterio, as mais complexas e momentosas questões sociaes?

Defendendo-o um dia no Tribunal do Jury, aonde o levára não sei que artigo anonymo cuja responsabilidade nobremente assumio como director da *Gazeta*, disse Quintino Bocayuva que Ferreira de Araujo era ao mesmo tempo o Armand Carrel e o Jules Janin da nossa imprensa: o jornalista das *Coisas politicas* e das *Chroniquetas* jamais desmentio esse honroso conceito.

\*

Que mais direi? E' um cavalheiro de alta distincção, pae de familia modelo, bom amigo, homem de gosto, colleccionador de objectos de arte e protector de artistas pobres.

Teve um duello, o famoso duello da ilha d'Agua, em, que, por questões de imprensa, escapou de ser morto por um negociante.

\*

No momento em que Ferreira de Araujo volta de sua segunda viagem á Europa e reassume o logar de honra que por direito de conquista lhe compete na nossa imprensa, o *Album* cumpre um dever publicando o retrato de tão illustre brasileiro.

A. A.

## CHRONICA FLUMINENSE

Todas as vezes que pégo na penna para escrever estas chronicas, parece-me que não ha neste mundo nada tão difficil como ter espirito. Entretanto, o escriptor da secção theatral da *Cidade do Rio* quasi me convenceu do contrario.

Dando noticia da *matinée* que domingo passado se realioou « em honra e beneficio do José Luiz, o decano dos gazistas do theatro brasileiro », o meu amavel collega apresenta-nos esse modesto operario como um homem espiituoso, e, para provar o que diz, conta-nos que ha uns oito ou dez annos encontrou-o mascarado unim baile do Lucinda, e...

Não! — prefiro transcrever :

« Ninguem imagina o que era a vestimenta d'esse mascara, de quem todos fugiam com horror e ao mesmo tempo rindo ás escancaras, depois que elle se dava a conhecer.

« Um vestido muito velho, roto e immundo, que lhe não chegava a cobrir as pernas, deixava estas á mostra, com uma cabelladura arripiada. No busto via-se camisa, tambem de mulher, mas tão velha, rota e suja como o vestido. Sobre a camisa um chale de igual qualidade. Sobre a cabeça uma especie de trunfa á bahiana, e no rosto uma mascara de arame, de expressão estúpida.

« Nada d'isso, porém, afugentava os circumstantes. O que os afugentava eram as luvas que o patife havia calçado nas mãos :— um par de meias de algodão, grossas, um tanto trigueiras (para fingir que não estavam lavadas) e untadas... untadas de queijo (Roquefort ou outro qualquer), cujo cheiro nauseabundo e horripilante causava nauseas... »

E o collega accrescenta : « Foi um caso commentado como um dos mais engraçados d'aquelle Carnaval. »

\*

Não tinha o espirito atheniense do José Luiz, mas era tambem um homem de espirito aquelle pobre Rego Macedo, que ha sete dias lá está, coberto de terra, no cemiterio de S. João Baptista.

Não possuia qualidades de escriptor, mas possuia-as de jornalista, e era um archivo animado de todos os acontecimentos politicos da nossa terra.

Observador profundo e commentador insigne, auxiliado por uma memoria realmente prodigiosa, Rego Macedo seria, com algum estylo, o primeiro chronista da nossa terra. Todos se lembram do exito extraordinario que obtiveram as *Cartas de um diplomata*, interessantes memorias em que elle fez a autopsia dos tempos aureos do segundo imperio.

O logar de Rego Macedo não era o de director da *Gazeta da Tarde*. Se, mesmo depois de ferido pela molestia, se mettesse em casa, dictando as suas memorias a um secretario habil e consciencioso que as podasse e enfeitasse convenientemente, teria deixado preciosas paginas. Não deixou nada.

\*

A semana tambem não deixou nada além de alguma politica e de um duellò,— o duello Ducci-Ferrari.

A.

## POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

### I

Não cantarei de certo os graciosos brocados,  
As rendilhas subteis, as madeixas setineas,  
O suave olhar piedoso, as sensações virgineas  
De louros cherubins romanticos, magoados.

Para que os versos, flor, tenham gritos cortados  
De blandicias pagans, de doçuras femineas,  
As volupias teu labio a meu labio propine-as,  
Dando vida e calor aos versos delicados.

Chalre em delirio o verso, arda em volupia a phrase!  
Inspira-me, Venuta, os vicios deliciosos!  
Que em teu corpo triumphal o meu furor se abraze!

Entremos o *boudoir* : é o templo calmo e langue  
— Sanctuario cheiroso em que vamos, piedosos,  
Erguer-te a prece, ó carne! erguer-teo culto, ó sangue! —

### II

Noite, abrigo dos mãos! Trevas, doces assombros  
Do livido ladrão, do bandido alquebrado,  
Enche da alma arruinada os sordidos escombros  
Com a nudez spectral de tumulto trancado.

Ha muito tempo eu trago exausto sobre os hombros  
O madeiro fatal, horrivel de pesado:  
Sem ser crucificado, eu sinto esses assombros  
Que erram na alma infeliz de hirto crucificado!

Noite sem branco luar; noite sem leve estrella,  
Sobre mim teu lençol de trevas repellentes  
Caia, abafando da alma a turbida procella.

Abriga-me em teu seio, em tuas trevas soturnas,  
Para que eu solte anciado os meus vicios frementes:  
— Os animaes, á noite, é que fogem das furnas .. —

CUNHA MENDES.

## CARTAS

### I

Escuta; hontem, pelo trinar festivo dos canarios  
na crystallina concha da manhan, sem que me visses,  
longo tempo te seguiam meus olhos, minha loura  
Dulce, e ainda guardo na retina o teu airoso busto  
correcto e sem defeito, do esguio nostalgico das  
inglezas.

Las alegre e triste. Alegre, por que esses teus  
olhos vivos e brilhantes do brilho fino das laminas  
polidas, pela paizagem se alongavam indagadores

e trefegos comò um par de colibris esvoaçantes. Triste, por que sahia a tua linda cabeça de ouro do contorno sereno de um vestido negro, da còr nostalgica das amargas tristezas.

E emtauto eu te daria mais do que meu beijo : a minha vida, se tua já não fosse, para que sempre me apparecesses envolta na treva mystica d'esse vestido.

Certo, levavas a alma cantando ; a *toilette*, em antagonismo com o teu espirito, fazia-te uma pensativa amante que perdêra o noivo, ah ! mas eu lá estava bem perto a fitar ancioso o teu airoso busto correcto e sem defeito, do esguio nostalgico das inglezas.

Gósto de ver-te assim ; sonho como sorrirá, dentro d'essa treva, a tua carne, fresca e alva, de nuanças rosadas ; sonho todo o poema que ella canta presa pela noite em que a enredaste, para soluçar, para chorar somente.

E cuido que sob as rendas brancas e as festividades vibrantes das *toilettes* claras, ella, a tua linda, a tua moça, a tua velludosa carne, ha de cantar muito mais, com muito mais sonoridades do que nesse claustro escuro em que a prendeste hontem.

E ahi está por que de novo eu te daria a minha vida, para que a prendesses sempre nesse carcere, por que — perdoa, minha Dulce — penso que sem a vibração clamorosa das *toilettes* festivas, ella canta só para mim, só para o meu beijo, nessa clausura adoravel do teu vestido negro, que destaca a brancura lactescente do teu rosto, e a scintillação deliciosa dos teus cabellos de ouro...

PLACIDO JUNIOR.

Recebemos do Sr. Julio Salusse a carta que em seguida transcrevemos :

« Em Março d'este anno escrevi de Friburgo ao Sr. Osorio Duque-Estrada que publicaria breve um livro de versos intitulado *Nevrose Azul*, mandando-lhe nessa occasião uns versos destinados a explicar a extravagancia do titulo. Pedia-lhe que publicasse esses versos no *Paiz*.

O Sr. Osorio Duque-Estrada não os publicou por julgal-os imprestaveis, conforme me disseram alguns amigos que o tinham ouvido formular essa opinião. Algum tempo depois a *Gazeta de Noticias* e o *Diario* noticiaram o proximo apparecimento do meu livro...

Ora, no ultimo numero do *Album* veio publicado um soneto intitulado *Nevrose Azul*, soneto que parece destinado a abrir um livro de versos portador do mesmo titulo. Sendo assim, creio que tenho todo o direito de chamar plagiario ao Sr. Osorio Duque-Estrada.

Se entender que me assiste o direito de protesto, peço-lhe que dê publicidade a estas linhas, que tal-

vez ellas cheguem ainda a tempo de impedir que me seja tirado um titulo que não é vulgar, que não se parece nada com esses titulos que por ahi correm e que não têm dono, como *Preludios*, *Aljofares* ou *Raios de Ouro*.

Juntamente envio-lhe os versos de introdução que o Sr. Osorio Duque-Estrada não quiz publicar. Se tiver sobre elles uma opinião mais favoravel, peço lhe que os faça apparecer no *Album*. — *Julio Salusse*.

Rio, 20 de Julho de 1883. »

Escusado é dizer que o nosso amigo e collaborador Osorio Duque-Estrada tem ao seu dispor as columnas do *Album* para defender-se d'essa accusação.

## NUM ALBUM

O' primavera, giuvenùt del anno !

São outras na primavera  
As flores, têm mais frescura ;  
Os troncos vestem-se de hera...  
A natureza é mais pura,

Mais sadia. As barboletas,  
Em bandos, alegremente,  
Doudejam, — flores inquietas  
E que têm azas — Ridente,

Brilha o sol. A passarada  
Trefega, canta, gloriosa ..  
— E a nossa alma enamorada  
Quantos prazeres não gosa !

A muita luz me extasia  
E faz-me bem ; quem me dera  
Sentir sempre essa alegria  
Opima da primavera,

Essa alegria que estala,  
Revigorante, festiva,  
Cheia de amor e de gala,  
De brilho e sons explosiva !

Ver o céo, o campo em festa...  
Escutar, por entre os ramos  
Da rumorosa floresta  
Trinarem os gaturamos.

Sentir, emfim, que me inspiro,  
Pois, ás canções mais suaves  
Dos grandes poetas, prefiro  
As simples canções das aves !

A. PERES JUNIOR.

## O AVO

## I

A filha lá se ia embora e levava-lhe o netinho, que de manhã bem cedo o chamava e vinha puxar-lhe o braço até acordá-lo. E elle não lhes prestou attenção : estava conversando, ainda á porta, com um correligionario sobre a ultima eleição.

A filha, de longe, mostrava-o ao filhinho, e olhava para o pae e avô com cara de riso e choro ao mesmo tempo : riso de amor e choro de resentimento

O carro partio sem elle ver ; lembrou-se mais tarde apenas que tinha visto um — adeus — no meio daquelle alvoroço de recriminações ; a mãozinha de um anjo voava com os dedos abertos ; voltada para cima dizia-lhe adeus, e voltada para baixo o chamava.

Depois foi que reparou que estava só : faltava-lhe uma coisa no seio ; uma voz doce, um riso innocente : o seu anjo. Ficou scismatico n'um canto :

— Mil raios partam a politica !

Teve remorsos : parecia que o céu o recriminava.

Começou a fallar sosinho :

— Que me dá a maldita politica ? Desgostos unicamente ! E em politica e religião, como bem disse o Marquez de Maricá, não ha fé sem esperança. Todos me aconselham que deixe esta viperina politica, que tem tantas côres. Basta de sacrificios. Tratem os moços da politica, por que elles podem brigar e têm aspirações ; eu preciso descanço ; deixem-me viver ou morrer com os meus netinhos.

A solidão crescia ; ninguem o chamava, nem acordava ; elle, porém, estava acordado á espera que o chamassem.

— Heim ? — disse como quem interroga a quem não lhe falla. — Sim ! — como quem responde antes da pergunta.

A' noite foi peorando, enfesou-se ; a politica apparecia-lhe como as cartas de jogo ao jogador quando em vão tenta dormir.

— Se escrevesse ao compadre Mathias e lhe recommendasse que levasse os seus dous filhos, e fallasse ao visinho... ? Nem o compadre, nem os filhos nem o visinho lá foram ! A politica está assim mesmo ; o compadre é capaz de dizer que nem sabia que havia eleições... *O' tempora !...*

O Antunes embora não tivesse obtido o logar, podia-se-lhe prometter outro, e outro... até o fim. O Antunes dá sete votos ! Arre ! tambem hoje todos querem emprego. E' verdade que eu já ouvi a um deputado dizer, notem bem que foi a um deputado : « Outr'ora podia se fazer politica sem interesse, por que a vida era facil, e na politica entrava o patriotismo ; tudo, porém, está mudado, caro e difficil. Quem fizer politica sem dinheiro, de sua miseria dará de comer aos outros. Ora, ahí está o que

é a politica que nasce de cima ; não quero mais saber d'ella ! Quero somente pensar nos meus netinhos.

E elle começou a dizer adeus no ar e a chamar, como se aquella mãozinha lhe ensinasse a ser bom : — Adeus ! — E as lagrimas em fio lhe começaram a correr pelas faces vermelhas de raiva e de vergonha.

No outro dia veio-lhe uma carta dizendo que se poderia annullar a eleição.

— Brejeirada ! Não quero !

Chegou o correligionario :

— A eleição estava nulla por que a mesa foi organizada depois do meio dia ! Elles dizem que sabem tudo. Boa lição agora ; não acha ?

— A politica só me tem dado desgostos ; não posso mais !

— Oh ! mas o seu nome ? ! Você nada tem querido...

— Já servi muito.

— Mas agora não fique no meio ; somente por esta vez.

— Depois vem outra : o politico é como o marinho, embarca sempre depois da tempestade.

— Não, não ; resista.

— Então você jnlga... ?

Bateram ; chegou uma carta ; o netinho havia peorado.

— Bem digo eu que não posso mais com esta politica dos diabos !

E foi-se embora atropelladamente, — resmungando, ou talvez soluçando.

## I

Dahi a dias voltou : trazia o netinho ao collo, risinho, falador, a mostrar-lhe o céu e os passarinhos.

— Oh ! oh !...

Puxava-lhe as barbas.

— Como é formosa e boa esta terra !

Entrou, sentou-se, almoçou bem. Deixou o netinho entretido a brincar com uns soldadinhos de chumbo, e foi escrever ao seu amigo e correligionario, dizendo-lhe que viesse, pois que elle estava disposto a tudo.

Fechando a carta continuou o seu soliloquio :

— E' preciso tratar da familia e da patria : a familia é o principio da patria. E' preciso decorar Rousseau. Quero deixar ao meu netinho esta terra livre, e este céu puro.

Nesse instante na sala rufava um tambor de boca, e gritava um generalsinho.

O velho sorriu ; e, depois de passar a lingua, como lingueta, na fechadura do envelope, fez um *birrio* ao netinho, que o cumprimentou tirando o seu chapéo armado de *Jornal do Commercio*.



FERREIRA DE ARAUJO





## GOOD NIGHT

A COELHO NETTO

Pelo chalet, que, a resguardar na sombra  
O leve estylo e os nitidos labores,  
Assenta do jardim na verde alfombra,  
Como flor grande entre pequenas flores,

Passei á tarde ; da floresta obscura  
Voltava ; ainda dos passaros o canto,  
Da atmosphaera salvatica a frescura  
Me inebriavam de subtil encanto.

Vinha eu, acaso, entoando uma ballada  
Da Escossia — lenda de innocente affecto,  
Mesto idyllio de dor apaixonada,  
Le pastores ingenuos predilecto.

Divisei, á janella, um branco vulto,  
Ondeante, flexivel e ligeiro,  
Entre espessas cortinas semi-oculto,  
Como um lyrio entre as ramas de um salgueiro.

E aquelle branco vulto, com voz leve,  
Tenue, submissa, timida e fugace  
(Qual se em um nenuphar, alvo de neve,  
A meio tom um sabiá cantasse),

Good night ! quando eu passei murmurou. Todo  
Perturbado em meu ser pela harmonia  
Do idioma estranho, que de estranho modo  
Ao que eu vinha scismando respondia,

Cuidei que de algum anjo a bençam casta  
Baixára sobre a minha triste fronte  
— Como scintillação do sol que afasta  
As procellas e os nimbos do horizonte.

E pareceu-me que a primeva lyra  
Do bardo Ossian trouxera a meus ouvidos,  
Das endeixas que a Colma o amante inspira  
Uns echos virginaes e indefinidos.

Boa noite? oh ! de certo ! um só momento,  
Sobre mim não desceu tepido somno ;  
Nem cessou de adejar meu pensamento  
Pelo espaço, vagando ao abandono.

Melhor, porém, melhor (coisa tão rara  
Esta é na vida !) eu me senti desperto,  
Do que se corpo e espirito entregára  
A um torpor, de ideaes sonhos deserto.

Então, prouve-me mais que a inconsciencia,  
Em que a mente se extingue e a dor se amansa,  
A inopinada e turbida violencia,  
Com que em nós luta a febre da esperanza.

Horas e horas, esquecido d'ellas,  
O céo immovel distrahidamente  
Fitei, a conversar com as estrellas  
Sobre a estrella, entre todas, mais fulgente.

E assim me veio surprender a aurora,  
Humedecendo com o frescor do orvalho  
Meus olhos, turvos de fadiga, na hora  
Em que a luz chama os homens ao trabalho.

Sim, boa noite ! e abençoada sejas,  
O' filha de Albion, ó virgem loura,  
Que hoje, astro puro e imanaculado, alvejas  
Numa constellação immorredoura !

Era uma ingleza joven, simples alma  
De criança — quinze annos tinha apenas ;  
Viera do seu paiz mais fria e calma  
Que os patrios lagos nas manhans serenas.

Mas o clima dos tropicos fecundo  
Lhe dissipára os gelos primitivos,  
Creando-lhe no sangue um novo mundo  
De aneios, de paixões, de affectos vivos.

Aureolavam-na rutilas madeixas,  
Com vagas refulgencias de ouro antigo ;  
Lavrador, no teu campo não enfeixas  
Mais louras hasteas de maduro trigo.

Tanto uma vez, num baile, deslumbrou-me  
Seu porte esbelto e airoso de princeza,  
Que julguei — a pedir se-lhe o seu nome —  
Ella dissesse : Eu chamo-me Belleza !

Poucas palavras, poucas e vulgares,  
Trocámos, lá nos gyros de uma valsa,  
Entre indolentes, distrahidos pares,  
Nessa atmosphaera duvidosa e falsa.

Nada me revelou ; só, porventura,  
Mais rapido senti, junto a meu braço,  
Bater-lhe o coração — van conjectura  
Talvez, talvez calor, talvez cansaço.

Eu deixei, no outro dia, a alpestre villa ..  
E alguem (ó triste natureza escrava !)  
Naquelle adeus de ephemera e tranquilla  
Cortezia, em silencio agonizava ..

Soubes, depois, que ella morrêra ; e disse  
O velho pae, que no supremo instante,  
Como os arrancos ultimos sentisse,  
Meu nome proferira, balbuciante.

Elisabeth ! ó pobre amiga ! ainda  
Banham-me a face lagrimas copiosas,  
Quando relembro o teu *Good night*, e a linda  
Casa, e a matta, e o jardim cheio de rosas !

Se foi amor ? inda hoje — e quantos annos  
Passaram sobre as ondas, em que vogo  
Sem norte ! — a alma gentil nua de enganosa,  
De fingimentos nua, eu te interrogo !

E eis que a mim mesmo ora o pergunto, em summa,  
Analysando a nossa vida extincta,  
De que não ha recordação nenhuma,  
Cuja saudade intermina eu não sinta.

Mas ai ! a pobre moça não acorda,  
Quando a evoco em meus sonhos de poeta ;  
Não vem sentar-se do meu leito á borda,  
Para acalmar esta vigilia inquieta !

Se foi amor, não pude conhecê-lo...  
Pois era mudo o seu affecto honesto,  
Que se vedava, com pudico zelo,  
Uma palavra, uma allusão, um gesto.

Se foi amor, eternamente o encobre  
Inviolavel e funebre mysterio  
— Não ha poder humano que recobre  
Os thesouros que guarda um cemiterio.

Ella, a desconhecida, além repousa,  
Só por mim, só por mim talvez chorada ;  
E eu leio sobre a sua humilde lousa :  
Graça, belleza, juventude. e nada !

MAGALHÃES DE AZEREDO.

\*

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPUS DE MULHERES)

## XI

(Continuação)

Dolores nesse mesmo dia se esquecera do seu defluxo.

Durante as horas em que o moço gosou do trato de Carmen, leu na physionomia de Guilherme uma expressão vaga de amor ou sympathia.

— Bem disse então comsigo — este... é um rapaz que serve para rival de Lucio. E' lindo, de boas maneiras e... sobretudo... rico...

E, sem dar tempo a que se expandisse a ideia, principiou habilidosamente a estudar-lhe os modos.

O primeiro passo foi marcado no terreno de gracejo.

— Pensei que se tinha perdido, cavalheiro.

Guilherme agradeceu a amabilidade, dando a entender que ninguem lhe merecia mais attenção de que a familia do coronel Blanco. Foi além... declarou que era homem que denunciava nos gestos e na linguagem todos os pensamentos.

— E' um pouco velho esse estribilho — pensou Carmen, sorrindo. E' o recurso dos tolos pretenciosos e bonitos.

— Quando se tem *noiva*... — arriscou Dolores, sem desviar os olhos da physionomia do *leão*, hypocritamente dominado e humilde.

— Não a conheço — protestou elle.

D'ahi originou-se a *intriga*. Cruzaram-se os ditos. Dolores realçou, em cada palavra e phrase, meritos que ella não poderia saber se tinha ou se não tinha Guilherme Tosti.

Assim cresceu a sympathia do moço pela esposa do coronel.

Foi então que ella, erguendo-se da cadeira, pediu licença e retirou-se da sala de visitas.

Bem que comprehendia a necessidade d'este passo.

A sós, Guilherme e Carmen podiam trocar algumas phrases que serviriam talvez de pedra para o pedestal de sua obra machiavelica.

Assim foi. Guilherme encetou a conversa, fallando de assumptos amorosos e, de vez em quando, fazendo allusões á insistencia — á *temporada*, como dizia — que tivera Carmen e Lucio durante a *soirée*.

— Estou admirado de o não ver por aqui... concluo, procurando com a vista se, por acaso, estaria alli Lucio.

Carmen não o quiz interromper.

Guilherme insistio no gracejo.

Foi depois de alguns momentos que ella se decidiu a interrogar-o, como quem se não dava por alludida.

— Que quer dizer ?

— Muito : que ainda me recordo da sua distracção durante aquella feliz noite, em que tive o prazer e a honra de entrar pela primeira vez nesta habitação, por assim dizer feita para ninho de fadas. Recorda-se que me havia promettido uma quadri-lha e que injustamente me substituiu pelo doutor Lucio? Não queira negar, Carmen : — *elle* — e frisou a palavra com um sorriso — aia-a declaradamente.

— Quem o affirma ?

— Todos. Pelos cafés, pelas diversas casas que visito, pelos corredores dos theatros, pelos passeios, pelas ruas, dá-se o filho do coronel Herrera como seu noivo.

— E' falso!... E quando assim fosse?... Para que repetir-me a linguagem d'esse mundo que só se occupa da vida privada dos que o desprezam? Por ventura ignora que em Montevideo talham se *noivos* a capricho dos bisbilhoteiros? Hoje mesmo, se a vizinhança o vir sahir de minha casa, apontal-o-á como um dos pretendentes á minha mão...

— Não o fará, porque sabe quem é o preferido...

— Ainda?... Sempre tive aspirações á liberdade e não será facilmente que me deixarei vencer por qualquer homem. Mente-se tanto, que em coisa alguma se póde hoje acreditar.

— E' livre ?

— Liberrima !

— Nesse caso, se mais um pretendente se apresentasse, entraria em campo com eguaes direitos aos de que gosa o doutor Lucio ?

— Com os mesmos que são os da amizade.

— E' questão pois de saber vencer. Accita mais um ?

Carmen demorou-se na resposta. Neste curto intervallo de silencio estudou as vantagens de ter um adorador da força de Guilherme Tosti. A primeira ideia foi a de aproveitá-lo para apparentar desprezo pela pretensão de Lucio e despertar o ciúme.

— E' um tolo — pensou, referindo-se a Guilherme — mas é ousado, tem fana de *leão*. Os tolos são ás vezes, autores de grandes empresas. Não convem desprezá-lo.

Faltava-lhe certa experiencia, mas os conselhos do padrasto e a intuição de mulher fizeram-lhe constar a conveniencia de não desenganar o pretendente.

O moço repetio a pergunta : « aceita mais um ? »

Carmen fez um movimento de impaciencia como quem buscava uma evasiva.

— E não percebe o senhor que me offende com essa phrase? Mais um? Por ventura faço collecção de pretendentes para se me dirigir similhante pergunta ?

— Não seja essa a causa de um desengano, Carmen. Dir-lhe-ei apenas : aceita um ?

Correu um intervallo de mudez. O collo arqueava todas as vezes que ella respirava; e o fazia com



tanta frequencia, que bem se poderá comprehender a commoção que a dominava.

— O silencio é a negativa explicita que os labios se acobardam de pronunciar — concluiu com entoação emphatica o *leão*, dando-se ares de autor do pensamento, com mais probabilidade lido em algum volume de romance ou colhido dos labios de algum conselheiro Acacio.

Carmen era impressionista. Estava bastante zelosa de Lucio para involuntariamente não se precipitar, como succede sempre aos impacientes.

Se o primeiro momento de silencio lhe deu azo para um pensamento feliz, a ultima expressão de que se servira Guilherme era bastante sonora e burilada para enthusiasmal-a. Carmen pagou-a de subito.

— Não lhe posso prometter nem tão pouco recusar. Entre um e outro acto medeia a duvida. Bem deve comprehender a minha posição. Vimo-nos algumas vezes apenas, e logo á primeira visita declara amar-me. Não haverá precipitação?

— A' primeira vista assim parecerá; entretanto sempre é melhor haver precipitação do que atrazo na chegada; e com a senhora, Carmen, dá-se um facto: contam-se os pretendentes pelo numero dos seus conhecimentos na roda dos moços de Montevideo.

— Nenhum se poderá gabar de lhe eu haver correspondido.

— Creio. Elles assim o confessam; por isso tambem se mostram despeitados. Isso é para não prometter, como disse; e para não recusar?

— São indispensaveis tempo e constancia. A' mulher é o unico direito que se lhe deve conceder: o direito de exigir provas. Quem me affirma que o senhor não pronunciou a sua declaração para mais tarde, amanha ou hoje mesmo, vangloriar-se?

— De accordo!... Nesse caso...

— N'esse caso...? — interrogou Carmen, ás pressas, meio receiosa de que o moço renunciasse á pretensão, deixando-lhe d'esse modo escapar das mãos uma arma, a do desprezo, com que contava ferir directamente Lucio e indirectamente sua mãe. Nesse caso...? repetio.

— Tenho a promessa em vez da negativa. Se não ha recusa, ha duvida. Dissipada esta, ser-me-á dado o seu conhecimento. Posso esperar?

A supremacia do orgulho contrastou de logo com o receio de momentos antes.

— Não desespere, Guilherme! — respondeu batendo moderadamente cada syllaba, e dando á pronunciação do nome do pretendente um tom de voz doce e inebriante.

Guilherme sentio correr-lhe ao longo do dorso o calafrio dos felizes, e orlou-lhe os cantos dos labios a tenue nuvem espumante da volupia. E' o grande perigo dos encontros e dos *duettos*... mesmo fallados, todas as vezes que se acham, a sós, dous juvenis, que pouco a pouco se enthusiasmam, deixando como que reflectir no cerebro o esplendor das

sedas, dos damascos, dos *crystacs*, das flores e das obras de arte, que são os incentivos e os revolucionarios do amor.

Ao ouvir pronunciar aquella phrase — não desespere — e ao mesmo tempo que os labios lhe tremeram sem encontrar o verdadeiro tom de resposta, nem mesmo o do balbuciar infantil, luziram por entre o cortinado da porta do salão os olhos sorprendedores de Dolores.

Carmen bemdisse a intervenção. E, como as suspeitas lhe principiavam a crescer no espirito, sorriu amargamente.

— Quem sabe se não ouviria a nossa conversa na saleta contigua? — pensou.

Guilherme cerrou os punhos e fez estalar alguns pontos da luva. Para elle restavam agora a duvida e a esperanza; para Carmen, a certeza de possuir um adorador, se não sincero, ao menos vaidoso; homem que não sente, mas tem orgulho em fallar dos seus amores.

O acaso favoreceu, um dia, a offensa que de ha muito o ciume de Carmen preparava.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

SARAH BERNHARDT

ELLA despedio-se do publico fluminense com a *Phedra*, sabbado passado, no Apollo.

A representação foi uma delicia. Quem ha seis annos ouviu essa tragedia no S. Pedro e ultimamente no Lyrico, não calcula a multidão de effeitos perdidos naquelles vastos theatros. Nunca os versos immortaes de Racine nos pareceram tão bellos, nunca o talento de Sarah nos impressionou tão profundamente como nessa memoravel noite de — 22 de Julho de 1893—. Depois de ouvir a 2ª scena do 1º acto, o final do 2º acto e todo o 4º acto da *Phedra*, representados por essa mulher-phenomeno, tão cedo não poriamos os pés num teatro de declamação, se o nosso officio não nos obrigasse ao contrario.

E' de justiça dizer que Sarah foi bem seccundada pelo joven actor Darmont, que é, incontestavelmente, um artista de grande futuro, e apresenta, no difficillimo papel de Hypolito, uma prova irrecusavel e brilhante do seu talento. Mencionemos tambem Jeanne Méa, uma Aricia apaixonada e vibrante, e Piron, um Theramenio discreto e commovedor.

Durante o espectáculo, os estudantes do Rio de Janeiro, imitando o exemplo dos de S. Paulo, fize-

ram a Sarah Bernhardt grandes ovações com flores e discursos.

No intervallo do 2º para o 3º acto, um poeta do meu conhecimento, admirador entusiasta da grande tragica, escreveu na bilheteria do theatro os versos que em seguida reproduzimos. Contava recital-os de um camarote, mas a rapasiada não lhe deu occasião para isso. Eil-os :

ADEUS !

Eu vejo, eu ouço a *Phedra*, e vendo, e ouvindo  
A sublime Sarah divina e bella,  
Arranco o plectro meu ao somno infindo...  
Que Musa póde haver maior do que ella ?

Umaz vezez fascina, outras espanta  
Aquella voz que em todo o mundo estruge !  
Que passaro cantou como ella canta,  
E que fera rugio como ella ruge ?

Adeus ! Parte ! ... Mas volta-nos de novo  
Quando as saudades nossas te reclamem,  
E has de sempre encontrar neste bom povo  
Mãos que te applaudam, corações que te amem !...

X.

Consta-nos que a Companhia Theatral do Brasil, proprietaria do Apollo, vae mandar collocar no seu theatro uma placa commemorativa da ultima representação de Sarah Bernhardt no Brasil.

A ultima ! ... Terminamos esta noticia fazendo votos para que assim não seja, e ainda um dia posamos admirar e applaudir a grande, a unica, a incomparavel Sarah Bernhardt.— A.

TELEGRAMMAS

LYRICO.— Sexta-feira, 21. O *Rigoletto*. Estreia da prima-dona ligeira Baronat, que, além de ser uma artista insigne, é uma bella mulher. O Sr. Colli tem uma bonita voz ; faria, porém, melhor figura de casaca, num salão, ao piano. Camera-Rigoletto muito applaudido. De Grazzia e Zawner não prejudicam o conjuncto. Orchestra, córos, bailados, etc., magníficos.

Segunda-feira, 24. Segunda representação da *Gioconda*. A Gabbi maravilhosa no 4º acto.

Hontem, sexta-feira, 28. *Falstalff*. Fallaremos no proximo numero.

\*

S. PEDRO.— A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, partio para S. Paulo, e foi substituida neste theatro pela companhia lyrica italiana do Sr. Ferrari, que se estreiou com a *Aida*, cantou depois *Manon Lescaut*, opera nova de um novo compositor, Puccini, e annuncia para

hoje, sabbado, o *Ottelo*, de Verdi. O *Album* não foi convidado para assistir aos espectaculos da companhia Ferrari.

\*

VARIEDADES.— O *Diabo Coxo* descançou finalmente. Estreia do distincto actor portuguez Joaquim Silva com as operetas o *Gafanhoto* e a *Herança do 103*, já conhecidas do publico. Muitos applausos.

\*

POLYTHEAMA.— Continúa a agradar a companhia Tomba, que acaba de dar-nos as operetas *Sataniel*, de Varney, e o *Guitarreiro*, de Millocher, já aqui representadas em portuguez com os titulos de *Lusbelim* e *Principe Topasio*.

\*

RECREIO.— Voltou de S. Paulo a companhia Dias Braga, que reapareceu ante-honlem com a engraçada comedia o *Commissario de Policia*. Hontem as *Doutoras* ; hoje o *Conde de Monte-Christo*.

\*

APOLLO.— Voltou hontem para este theatro a companhia Garrido, e representou a *Viagem á volta do mundo*.

X. Y. Z.

cebemos as seguintes publica çõe :

*Esboço historico dos costumes do povo espirito-santense desde os tempos coloniaes até os nossos dias*, pelo padre Antunes de Siqueira, professor de humanidades e secretario das escolas normaes do Espirito-Santo. E' um livro incompleto mas muito curioso. O padre Siqueira é uma das figuras mas salientes d'aquelle Estado, onde goza da reputação de um dos primeiros oradores sagrados do Brasil.

*Relatorio parcial*, apresentado ao Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, pelo illustre Sr. Dr. Luiz Cruis, chefe da importante commissão exploradora do planalto central do Brasil. Neste livro, que é o prodromo de um trabalho mais completo, encontram-se exactas e autorisadas informações sobre a riquissima area destinada á futura Capital da Republica.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda :

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.  
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.  
LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.